

Os bastidores de uma pesquisa em história da educação: a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande/RS

8

*Catholic University of Philosophy in Rio Grande/RS:
sidelines of a research in history of education*

Giana Lange do Amaral*
Josiane Alves da Silveira**

Resumo: O presente trabalho apresenta os bastidores de uma pesquisa realizada sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande (1960-1969), cuja criação marcou o início dos cursos superiores voltados à formação docente na cidade. Para destacar sua história, recorre-se a diferentes fontes, como documentos institucionais, jornais locais e relatos orais, cuja utilização será aqui abordada. Nesse sentido, tem-se como base os caminhos abertos pela História Cultural as quais vêm propiciando a ampliação de problemas, objetos e temas de pesquisa histórica. Constata-se que a multiplicidade de histórias e memórias sobre essa instituição educacional só foram descortinadas devido à ampliação do olhar sobre as diferentes fontes de pesquisa.

Palavras-chave: História da educação. Memória. Instituição educacional. Fontes de pesquisa. História Cultural.

Abstract: This academic assignment represents the sidelines of a research about Catholic University of Philosophy in Rio Grande (1960-1969), which creation has been a mark point to the beginning of undergraduate courses focused on teacher's formation in Rio Grande city. In order to foreground its history different sources are turned to, such as institutional documents, local newspapers and oral reporting, which utilization will be on this analysis approached. In this sense, opened ways by Cultural History are taken as basis on the enlargement of problems, objects and themes for historical

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Coordena o Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceiche).

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professora de História na rede estadual de ensino do RS.

research. It is ascertained that, due to the enlargement mentioned before, multifariousness of stories and memories about the educational institutional investigated were unfolded.

Keywords: History of education. Memory. Educational institution. Research sources. Cultural History.

Introdução

Este texto apresenta a utilização de referenciais teórico-metodológicos em um estudo no âmbito da história da educação. É o que aqui se considera como os bastidores de uma pesquisa realizada sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande (1960-1969), cuja criação marcou o início dos cursos superiores voltados à formação docente na cidade. Essa instituição foi criada em 1960 pela Mitra Diocesana de Pelotas¹ e integrada, em 1969, à Universidade do Rio Grande (hoje denominada Universidade Federal do Rio Grande (Furg)), quando passou a se denominar Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.²

Inicialmente, realizou-se pesquisa no Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos (Nume), no Arquivo Geral da Furg e no jornal *Rio Grande*, acervos todos localizados na cidade de Rio Grande, além de pesquisa no *Diário Popular*, de Pelotas, depositado no acervo da Biblioteca Pública Pelotense. Tais informações, contidas em ata, atestado, certificado, contrato, declaração, decreto, estatuto, parecer e relatório, bem como em anúncios nos jornais que circulavam nas cidades de Rio Grande e Pelotas, na década de 60 (séc. XX), foram costuradas com os conhecimentos já sistematizados sobre o Ensino Superior na cidade, sem deixar de relacioná-lo com o desenvolvimento do Ensino Superior no Rio Grande do Sul e no Brasil.

¹ Até a década de 60 (séc. XX), a atuação católica em Rio Grande ainda estava subordinada à Diocese de Pelotas. Em 1971, o Bispo Dom Antônio Zattera comunicou a notícia oficial da criação da nova Diocese do Rio Grande, composta também por Santa Vitória do Palmar, São José do Norte e Mostardas. (HAMMES, 2005, p. 192-193).

² Comparando as características das instituições educacionais apresentadas por Magalhães (2004, p. 53), a instituição pesquisada enquadra-se como “instituição educacional de formação”. Já, conforme o termo utilizado por Werle (2004), trata-se de uma instituição escolar de Ensino Superior. Segundo essa autora, o termo *escolar* indica que não se está discutindo a história de uma instituição envolvida com educação em geral. (WERLE, 2004, p. 19). Sobre o mesmo termo, Ragazzini (1999, p. 25) acrescenta que a “história da escola e das instituições educativas se configura como campo de estudos referido aos lugares formais de educação com uma consideração especial exatamente para a escola”.

Ainda, para a realização da pesquisa, foram feitas oito entrevistas, fundamentadas na História Oral. Todos os entrevistados vivenciaram períodos diferentes de funcionamento da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande.

Cabe ressaltar que, para compreender as diferentes fases do trabalho com História Oral, recorre-se, principalmente, a Alberti (1989, 2005) e Ferreira e Amado (1998). Já para um embasamento sobre a memória, buscase apoio nos estudos, por exemplo, de Bosi (1994, 2003), Catroga (2001) e Halbwachs (2004). Aposta-se na diversificação das fontes de pesquisa, tendo como base os estudos de Pesavento (1995, 2004, 2008) e Burke (2005) sobre os caminhos abertos pela História Cultural. Já para utilização de fontes escritas, os documentos institucionais e os jornais auxiliam os seguintes autores: Luca (2005), Ragazzini (2001) e Veyne (1987).

Quanto à periodização em foco neste trabalho optou-se por delimitá-la à já citada década de 60. Isso porque a essa década está associado o período de funcionamento da Faculdade Católica de Filosofia. Mesmo assim, acredita-se na importância de recorrer, sempre que necessário, a anos anteriores e posteriores ao período em pesquisa, aumentando as possibilidades de análise do tema em foco.

A partir das fontes e dos recursos teórico-metodológicos trabalhados, pretende-se expor um texto que dê visibilidade ao objeto de pesquisa, sem ter a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação.³ Considera-se que muito pouco se escreveu sobre as primeiras Instituições de Ensino Superior (IESs) de Rio Grande. Os documentos estão dispersos ou perdidos e não recebem a atenção merecida. Isso, sem dúvida, serviu como incentivo para que este trabalho fosse realizado com o intuito de ampliar as informações sobre o Ensino Superior na cidade.

³ Nesse sentido, vale destacar aqui os questionamentos e as respostas de Souto (1998, p. 102) quando diz: “Quando se esgota a busca de sentidos? Nos atores, nos documentos, no livro de história? Em realidade, não se esgota, se aprofunda. É inacabável. Quando termina a interpretação? Numa leitura? Em várias? Quando se esgota a interpretação a partir da referencialidade teórica? Nunca. Fica aberta.” Da mesma forma, a investigação também não se esgota, apenas se suspende.

Os caminhos da pesquisa sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande

Antes de se iniciar uma pesquisa, é necessário esboçar alguns caminhos que poderão sustentar o trabalho posterior. Segundo Barros (2005, p. 9), “iniciar uma pesquisa, em qualquer campo do conhecimento humano, é partir para uma viagem instigante e desafiadora”. Por isso, a pesquisa necessita de um planejamento, mesmo que provisório, para orientar o pesquisador no caminho a ser percorrido. Seguindo tais sugestões, buscou-se organizar a síntese de algumas leituras que serviram como embasamento teórico-metodológico para dar consistência à pesquisa em história da educação.

Nas últimas décadas do século XX, uma nova corrente historiográfica, a História Cultural, apresentou novas formas de interrogar o passado. A partir de então, como bem destaca Pesavento (2004, p. 16), “tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas”. Ou seja, a nova tendência confirmou a não existência de verdades absolutas, cabendo ao historiador a consciência de que “o máximo que poderá atingir será sempre a construção de versões possíveis, plausíveis, aproximativas daquilo que teria ocorrido”. (PESAVENTO, 2008, p. 18). As inovações nos objetos de pesquisa e a emergência de novos conceitos, voltados para os domínios do cultural, influenciaram os historiadores a ampliar o seu olhar *detetivesco* sobre a história. Dessa forma, a análise sobre representação, imaginário, narrativa e sensibilidades inseriu-se na história, justamente, para ampliar as possibilidades de compreensão do passado. Afirma Pesavento:

A proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. [...] Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente. (2004, p. 42).

Segundo Burke (2005), a História Cultural ampliou o território de pesquisa, mostrando os limites das abordagens anteriores e as possibilidades de se pesquisar temas antes invisíveis, mas isso não quer dizer que ela seja a

melhor forma de história. Ela é “simplesmente uma parte necessária do empreendimento histórico coletivo” (p. 163), dando a sua contribuição indispensável para ampliar a percepção histórica, dentre outras possíveis.

Enfim, a História Cultural, ao ampliar as dimensões social, econômica e política, além de incorporar aspectos culturais nas investigações, propiciou uma abrangência de problemas, objetos e temas de pesquisa histórica. Dentre os novos temas trabalhados na História Cultural é de interesse destacar aqui a história das instituições educativas de Ensino Superior.

Neste estudo sobre a “história das instituições educacionais de formação” ou “história das instituições escolares”, toma-se como suporte teórico Magalhães (2004), Ragazzini (1999), Werle (2004), entre outros. Tais leituras ajudaram a compor e a focalizar aspectos importantes do objeto em pesquisa. Mesmo assim, foi preciso fazer escolhas, visto que uma só instituição apresenta multiplicidades de histórias.

Conforme Magalhães (2004, p. 71), a história das instituições educativas culmina numa síntese crítica, utilizando como referência as memórias, o arquivo e a historiografia. Isso envolve a valorização de diferentes fontes que devem ser criteriosamente cruzadas, buscando o que o mesmo autor chama de “totalidades em organização”. É com base em tais preceitos que se estuda a instituição em alvo na pesquisa, descortinando sua história através das marcas conservadas do passado.

Busca-se, na abordagem histórica da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande a “presentificação do ausente”. (WERLE, 2004, p. 15). Isso porque essa faculdade, tal como foi constituída, não existe mais, o que acaba favorecendo a não preservação da memória institucional. Prova disso demonstra-se nas lacunas encontradas na documentação institucional pesquisada. Para que tal fato não se perpetue, sabe-se da importância da preservação dos documentos para a memória institucional e também social já que se acredita que “o passado das instituições educacionais não pertence apenas à instituição, mas à sociedade em que ela se encontra”. (AMARAL, 2002, p. 21).

Apoiando-se nos caminhos abertos a partir da História Cultural, reconhece-se a importância da utilização de diferentes fontes históricas. Portanto, a atual pesquisa não busca apenas o levantamento dos documentos institucionais sobre a Faculdade Católica de Filosofia, mas também dos relatos orais de pessoas que a vivenciaram. Werle lembra que

aqueles que viveram e trabalharam naquela instituição têm contribuições a dar para a História da instituição; formas diferenciadas de apropriação indicam o quanto a história das instituições escolares pode beneficiar-se da consideração dessas visões em seu processo narrativo. (2004, p. 26).

No entanto, os documentos não devem ser considerados como portadores da verdade, mas como fontes que representam uma versão da história institucional pesquisada. Dessa forma, o historiador também deve estar atento às “práticas discursivas”, aos efeitos de sentidos emaranhados na narrativa escrita ou oral. É o que ressalta Pesavento (1995, p. 17) ao constatar que “o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade. Neste sentido, tentar reconstruir o real é reimaginar o imaginado”.

Ainda no que se refere aos documentos, realça Jenkins:

O documento não é o reflexo do acontecimento, mas é ele mesmo um outro acontecimento, isto é, uma materialidade construída por camadas sedimentadas de interpretações: o documento é, assim, pensado arqueologicamente como “monumento”. (2004, p. 11).

Enfim, para ampliar o campo epistemológico do objeto de pesquisa, buscou-se respaldo nas mais variadas fontes às quais se teve acesso. Como bem destaca Becker (1998, p. 30), um dos mandamentos da profissão de historiador é “nunca confiar numa única fonte”. Então, a partir dessas fontes e dos recursos teórico-metodológicos, buscou-se tecer considerações que evidenciassem o tema em estudo, aumentando as possibilidades de interpretação.

Primeiramente foram procurados documentos no Nume, situado no *campus* cidade da Furg. Nesse momento, foram encontrados os documentos existentes sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande. A partir desses documentos (atestado, declaração, decreto, parecer, relatório, entre outros), buscou-se conhecer a história dessa faculdade, surgindo um interesse maior pelo tema.

Em conformidade com Chartier (2001, p. 117), acredita-se que o fazer historiográfico é um discurso que depende das condições de possibilidade e de produção do historiador, pois “por suas eleições, suas seleções, suas exclusões, o historiador atribui um sentido novo às palavras que tira do silêncio dos arquivos”. Portanto, as seleções e exclusões vão depender do olhar do historiador sobre seu objeto de análise. Nesse primeiro momento de contato com a documentação, o olhar voltou-se às fontes relacionadas à história da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande, já que nos cursos de Filosofia e Pedagogia era constante a presença feminina.

Para ampliar a pesquisa, em um segundo momento, foi manuseado o jornal *Rio Grande*, da mesma década de 60, que era de circulação diária na cidade. Destaca-se que esse jornal foi escolhido por ser o único que abrange toda a década de 60, no acervo da Biblioteca Rio-Grandense.⁴ Foram manuseados alguns meses dos anos de 1960, 1961, 1964, 1967 e 1969, nos quais foram conferidas todas as informações referentes ao Ensino Superior. Em vista do tempo de pesquisa, foi possível avançar apenas pelos meses que foram marcantes na história dessa faculdade, como os antecedentes, o início do funcionamento, as formaturas, o reconhecimento oficial e a transferência dos cursos da faculdade para a universidade. Ainda, de forma complementar, manusearam-se alguns meses do *Diário Popular*, de Pelotas, de 1960, 1961 e 1964. Nesse momento, o foco da pesquisa eram as informações sobre as Faculdades Católicas de Filosofia de Pelotas e de Rio Grande.

Salienta-se que, para uma análise minuciosa do jornal, das informações e características, recorreu-se principalmente a Luca (2005), que ressalta como analisar diferentes fontes impressas, como os jornais. Dentre as observações da autora, vale destacar a seguinte:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso **dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa.** Entretanto, ter sido publicado implica **atentar para o destaque**

⁴ O acervo dessa biblioteca conserva edições do jornal *Rio Grande*, de 1914 a 1969.

conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias [...]. Em síntese, **os discursos adquirem significados de muitas formas**, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos **temas**, a linguagem e a **natureza do conteúdo** tampouco se dissociam do **público** que o jornal ou revista **pretende atingir** (LUCA, 2005, p. 140, grifos nossos).

É importante acrescentar que, a partir das observações de Luca (2005), foi possível tecer algumas linhas que demonstram o que circulava sobre o Ensino Superior na cidade. Não foram encontradas muitas notícias relacionadas à instituição pesquisada, mesmo assim esses poucos informes ajudaram a complementar a pesquisa. Para tanto, foi preciso cruzar informações e, nas palavras de Pesavento (2004, p. 64), exercitar o “olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos”.

Pesquisou-se, também, no Arquivo Geral da Furg, situado no *campus* cidade. Dentre a documentação manuseada, um caderno de atas da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande, do período de 1961 a 1970, apresenta-se como fonte importante à pesquisa.⁵

Optou-se pela diversificação das fontes de pesquisa, pois se acredita que “a história é conhecimento através de documentos” (VEYNE, 1987, p. 15), ou seja, os documentos são fundamentais na construção de qualquer trabalho. Porém, se sabe que alguns cuidados também são indispensáveis no seu tratamento. Como bem destaca Ragazzini

⁵ Sobre o “Uso e mau uso dos arquivos”, ver Bacellar (2005). Esse autor centra sua atenção nas fontes documentais, elencando alguns exemplos de instituições arquivísticas, sugerindo possibilidades de pesquisa e apontando aos cuidados no manuseio das fontes.

por um lado as fontes não falam per se. [...] Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. [...] A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. (2001, p. 14).

Nesse mesmo sentido, resume Veyne (1987, p. 15): “A narrativa histórica coloca-se para além de todos os documentos, visto que nenhum deles pode ser o acontecimento.” Com base nessas afirmativas, após a pesquisa e seleção das fontes, cabe ao historiador o cuidado ao construir a ponte entre passado e presente, tecendo a narrativa como uma representação do passado, visto que a história não se repetirá.

Ainda, no intuito de ampliar as informações sobre o tema de pesquisa, enriquecendo o conhecimento adquirido pelas fontes escritas, utilizaram-se os relatos orais como fonte paralela de pesquisa. Segundo Ferreira e Amado (1998, p. 16), a História Oral, entendida como metodologia, remete a duas dimensões: uma técnica e outra teórica, sendo que as “soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história”. As autoras ressaltam que a metodologia estabelece e ordena os procedimentos de pesquisa, já as explicações “apenas a teoria da história é capaz de fazê-lo, pois se dedica, entre outros assuntos, a pensar os *conceitos* de história e memória, assim como as complexas *relações* entre ambos”. (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 16). Dessa forma, concorda-se com as autoras quando explicam que

a interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico; mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasando e orientando o trabalho dos historiadores, aí incluídos os que trabalham com fontes orais. (FERREIRA; AMADO, 1998, p. 17).

Tendo por base os estudos de Alberti (2005), Ferreira e Amado (1998), dentre outros, após definido o tema de pesquisa, buscou-se estabelecer os próximos passos da pesquisa, como: a escolha dos entrevistados, o tipo de entrevista, o roteiro da entrevista, a realização da entrevista e depois sua transcrição, obtendo-se um conjunto de relatos que constituiriam o objeto de análise.

Antes de começar o trabalho, sabia-se que a História Oral só poderia ser empregada na existência de fontes vivas. Nesse sentido, Alberti (2005, p. 21) sugere temas “ocorridos num espaço de tempo de aproximadamente 50 anos”, pois envolve a memória dos entrevistados. Então, verificando as possíveis “fontes vivas”, a utilização da História Oral confirmou-se porque a pesquisa aborda um tema ainda considerado recente, ou seja, da segunda metade do século XX. Como se trata de entrevistar pessoas idosas, nesse caso, também é preciso estar atento aos limites físicos desses entrevistados. É o que destaca Bosi (1994, p. 39) sobre as “lembranças dos velhos” que afloram, muitas vezes, “nos limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário”.

Apesar dos possíveis limites físicos, os idosos podem ser considerados como “entrevistados em potencial”, porque, conforme Halbwachs (2004, p. 127), “estos, cansados de la acción, se desvían al contrario del presente, y se encuentran en las condiciones más favorables para que los acontecimientos pasados reaparezcan tal cual tuvieron lugar”. Ainda, sobre a memória dos velhos, destaca Bosi:

Sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a pessoa de idade. (1994, p. 60).

Ao contrário dos jovens, os idosos se envolvem de tal modo na tarefa de lembrar que, ao serem convidados para uma entrevista, comprometem-se com a atividade, como se fosse um trabalho. Não raro, pedem auxílio a outros idosos, buscam vestígios do passado entre seus pertences, quando não anotam tais lembranças para não deixá-las escapar no momento da entrevista. É o que destaca Halbwachs na citação:

Él no se contenta, comúnmente, con esperar pasivamente que los recuerdos se despierten, él busca precisarlos, interroga a otros ancianos, revisa sus propios papeles, sus antiguas cartas y, sobre todo, cuenta aquello que recuerda, cuando no se preocupa por registrarlo por escrito. En suma, el anciano tiene mucho más interés

por el pasado que el adulto, pero eso no significa que esté en condiciones de evocar más recuerdos de ese pasado que cuando era adulto. (2004, p. 128).

Enfim, mesmo que os meios de comunicação dos idosos estejam abalados, geralmente não falta a eles o desejo de narrar suas experiências, o que é fundamental para que haja a disposição para lembrar. Por isso, como bem destaca Bosi (1994, p. 82), a “conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda [...] é semelhante a uma obra de arte”. Bosi (1994) define bem o quanto o conhecimento dos idosos, as “fontes vivas”, acrescenta luz ao trabalho de História Oral.

Assim, que todos os passos exigidos pela História Oral foram criteriosamente seguidos, buscando cumprir com o rigor teórico-metodológico da pesquisa, haja vista que, como lembra Fischer (2011, p. 18), “conhecer histórias de outras épocas, adentrar na vida de sujeitos que tiveram ricas experiências em outros tempos, exige sensibilidade e rigor teórico, antes de tudo, se quisermos fazer das narrativas um objeto de estudo”.

O trabalho com História Oral e memória exige do pesquisador responsabilidade científica. Ele não poderá sobrepor o seu ponto de vista sobre o do entrevistado nem tratar o relato do entrevistado como portador da verdade.⁶ Deverá, sim, com respeito às opiniões do entrevistado, ser capaz de (des)construir conhecimentos, produzindo novos documentos contextualizados. Isso porque “o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim”. (ALBERTI, 1989, p. 6).

Toda pesquisa baseada na História Oral também sugere uma abordagem sobre a memória,⁷ pois a memória dos entrevistados será transformada em fonte de pesquisa. Como afirma Corrêa (1978, p. 15), “cabe ao historiador

⁶ Mesmo que sejam constatadas deformações no relato do entrevistado, ressalta Bosi (2003, p. 65), “não temos, pois, o direito de refutar um fato contatado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade”. Portanto, ser inexacto não invalida o relato.

⁷ Para Worcman e Pereira (2006, p. 10) a memória é “tudo aquilo que uma pessoa retém na mente como resultado de suas experiências. Ela é seletiva, seja um procedimento consciente ou não. Portanto, não é um depósito de tudo que nos acontece, mas um acervo de situações marcantes”.

oral obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de memórias, se não forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente”. No entanto, se torna importante destacar que a memória está sempre em processo de reconstrução, não sendo possível reviver o passado tal como aconteceu.⁸

Para o historiador Catroga (2001) a memória não é um mero registro pessoal. Ela é uma construção seletiva, assim como a história, que recebe sempre uma sobredeterminação social. Dessa forma, Catroga cita Ricoeur e Halbwachs para destacar que recordar é um ato de alteridade e que, portanto, a memória é coletiva. Em conformidade com esses autores, Catroga (2001, p. 45) ressalta que “ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo”.

Assim como Catroga (2001), Bosi (1994) cita Halbwachs para afirmar que a memória individual está ligada à memória do grupo. Em sendo assim, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. (BOSI, 1994, p. 54). Desse convívio em grupo é possível observar uma identidade comum.

A identidade comum, por exemplo, revela-se nas repetições dos relatos orais de um grupo de indivíduos, caracterizando a memória coletiva. Ressalta Neves que

cada pessoa é componente específico de um amálgama maior que é a coletividade. Portanto, cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é a arte do indivíduo, mas de um indivíduo socialmente integrado. Desta forma, os relatos e testemunhos contêm em si um amálgama maior: o da identidade histórica. (2000, p. 114).

⁸ Conforme Perrot (1998, p. 358-359), problema da memória apresenta-se como um dos limites da História Oral, visto que a memória é sempre algo reconstruído em função das experiências do entrevistado. Sobre as dificuldades e dos desafios que envolvem o uso da História Oral, ver, por exemplo, Ferreira e Amado (1998).

No entanto, também é importante destacar que “por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”. (BOSI, 1994, p. 411). Ou seja, um acontecimento que não teve repercussão coletiva pode ficar registrado na memória individual. Mesmo assim, Bosi (1994, p. 413) refere que, conforme Halbwachs, essa “memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

Já Candau (2011), no seu livro *Memória e identidade*, põe em discussão a construção da memória coletiva nas sociedades contemporâneas, destacando a tendência de memórias fragmentadas e a impossibilidade de memórias unificadas. Conforme o autor: “Nas sociedades modernas, o pertencimento de cada indivíduo a uma pluralidade de grupos torna impossível a construção de uma memória unificada e provoca uma fragmentação de memórias.” (p. 172). Dessa forma, as grandes memórias organizadoras do grupo dão lugar a um mosaico de memórias que cabe ao indivíduo salvaguardar para não perder a si mesmo.

Tanto Candau (2011) como Portelli (1998) defendem que, na sociedade moderna, há uma pluralidade fragmentada de diferentes memórias. Mesmo tendo em vista as cabíveis análises desses autores, considera-se que nesta pesquisa convém considerar a memória coletiva, pois o que está em foco são as recordações do grupo de entrevistados, participantes da história da de uma mesma instituição educacional.

Percebeu-se que, não raro, o entrevistado buscou a confirmação das suas lembranças nos relatos dos demais respondentes ou integrantes da história da instituição, como um reforço da memória coletiva. As confirmações dos relatos indicam que há, na memória individual, uma base comum do grupo de entrevistados, construída socialmente. Como diz Fischer (2011, p. 20-21), “a memória individual em parte assenta-se na memória coletiva. Lembranças e recordações de grupos são construídas coletivamente em uma base de memória”. Sendo assim, segue a autora: “É possível entender que cada indivíduo tem uma singularidade em si, mas esta singularidade, na maior parte das vezes, é construída socialmente.” (p. 21). Por isso, se percebe que, ao rememorar uma história, os relatos dos questionados estão imbricados, confirmando a memória coletiva.

Por tudo, a utilização da História Oral e de temáticas que a envolvem, como a memória, apresenta-se como um desafio a ser explorado. Ainda assim, sabe-se que essas fontes de pesquisa não se bastam, ou seja, outras fontes também devem ser consideradas na tentativa de ampliar as possibilidades de análise.

Considerações finais

No presente estudo, nas incursões ao Nume e ao Arquivo Geral, extraiu-se o cerne da pesquisa sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande. Os acervos ainda conservados nesses dois espaços, embora não totalmente organizados, forneceram a base da pesquisa. Através deles foi possível nortear os demais caminhos que poderiam e foram percorridos. Para tanto, foram necessários leituras e releituras de atas, atestados, certificados, contratos, declarações, decretos, estatutos, pareceres, relatórios, entre outros documentos, que foram indicando datas, nomes, acontecimentos e sentidos de uma história para ser narrada.

As informações pesquisadas no jornal *Rio Grande*, sem dúvida, foram fundamentais para completar o que havia sido pesquisado no Nume e no Arquivo Geral. Através do jornal, percebeu-se o que era noticiado sobre a instituição pesquisada, assim como sobre as demais instituições superiores da cidade. Ainda: outras notícias consideradas secundárias foram aproveitadas para melhor compreensão do que se pretendia abordar.

As memórias sobre a Faculdade Católica de Filosofia, registradas através das entrevistas, enriqueceram a pesquisa, pois, por meio delas, obtiveram-se informações que certamente não seriam encontradas nas demais fontes de pesquisa. O roteiro de entrevista norteou o que se pretendia obter sobre aquela faculdade, além de permitir o levantamento de dados pessoais dos entrevistados. Entre histórias de vida e histórias institucionais, acredita-se que foi possível constituir um amálgama consistente. Considera-se que ambos, entrevistas e jornais, complementaram peças perdidas e importantes do quebra-cabeça da história da Faculdade de Filosofia de Rio Grande, encontrado no Nume e no Arquivo Geral.

Inspirando-se em autores da História Cultural, buscou-se recolher os traços, os registros do passado, revelar detalhes, evidenciar atores antes secundários e também, porque não, construir novas fontes, combinando as peças para montar um quebra-cabeça com sentido.

Referências

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

_____. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

AMARAL, Giana Lange do (Org.). *Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história: 1902-2002*. Pelotas: Educat, 2002.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-79.

BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BECKER, Jean-Jacques. O *handicap* do *a posteriori*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 27-31.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. p. 43-69.

CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. p. 115-140.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1978.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FISCHER, Beatriz T. Daudt (Org.). *Tempos de escola: memórias*. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Trad. de Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Barcelona: Anthropos; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HAMMES, Wallney Joelmir. *Dom Antônio Zattera, 3º Bispo de Pelotas: uma cronobiografia*. Pelotas: Educat, 2005.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. Trad. de Mário Vilela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LUCA, Tania Regina. História *dos, nos* e por meio *dos* periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, n. 3, p. 109-116, jun. 2000.

PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 351-360, nov. 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

_____. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: _____; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 11-18.

PORTELLI, Alesandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 103-130.

RAGAZZINI, Dario. Os estudos histórico-educativos e a história da educação. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 1999. p. 19-35.

_____. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação. Trad. de Carlos Eduardo Vieira. *Educar*, Curitiba, n. 18, p. 13-28, jul./dez. 2001.

SOUTO, Marta. Sobre incertezas e buscas no campo institucional. In: BUTELMAN, Ida (Org.). *Pensando as instituições: teorias e práticas em educação*. Trad. de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 67-108.

VEYNE, PAUL. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1987.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; Curitiba: PUC; Palmas: Unics; Ponta Grossa: UEPG, 2004. p. 13-35.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Recebido em 5 de maio de 2012.
Aprovado em 27 de maio de 2012.